
Conexões

Mídia e violência urbana: o corpo contemporâneo e suas afetações em uma cultura do risco

Layne Amaral

Graduada e mestre em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de pesquisa Cultura de Massa e Representações Sociais. *Web-publisher* da Faculdade de Ciências Médicas/UERJ e professora de Comunicação na Faculdade de Jornalismo Pinheiro Guimarães.

Resumo

No contexto de uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais e pelos conflitos urbanos oriundos da criminalidade, percebe-se a constituição de um imaginário das cidades como lugares perigosos e o esboço de uma cultura do risco. O objetivo do presente artigo é observar de que forma os discursos sobre a violência urbana podem alimentar esse imaginário que não apenas remodela a constituição espacial das cidades, mas que pode afetar a própria materialidade dos corpos.

Palavras-Chave: Cidade, Violência urbana, Risco

Abstract

In the context of a society marked by the social inequalities and the crimes arising from urban conflicts, it is perceived the constitution of an imaginary of the cities as dangerous places and the sketch of a culture of the risk. The target of this article is to perceive how the speeches about the urban violence can feed this imaginary, that not only remodels the space of the cities, but can affect the materiality of the bodies.

Keywords: *City, Urban Violence, Risk*

Resumen

En el contexto de una sociedad marcada por las desigualdades sociales y los conflictos urbanos que se presentan de los crímenes, se percibe la constitución de uno imaginario de las ciudades como lugares peligrosos y el bosquejo de una cultura del riesgo en la contemporaneidad. El objetivo de ese artículo es percibir cómo los discursos acerca de la violencia urbana pueden alimentar esto imaginario que remodela no solamente el espacio de las ciudades, pero puede afectar la materialidad de los cuerpos.

Palabras-clave: *Ciudad, Violencia Urbana, Riesgo*

Não existe terror no estrondo, apenas na antecipação dele
Alfred Hitchcock

Nas últimas décadas, tem-se observado um ressurgimento do interesse pelo corpo como objeto de estudo. Seja através das pesquisas sobre as materialidades da comunicação, contempladas por diversos autores desde a modernidade (BENJAMIN, 1985; MCLUHAN, 1974), seja pelas novas abordagens nos estudos culturais contemporâneos (CSORDAS, 1994; GUMBRECTH, 2004), nota-se que as experiências materiais do corpo têm sido objeto central nas ciências sociais. Este ressurgimento do interesse pelo corpo também pode ser percebido na arte contemporânea. Ao observar que a tecnologia nos libertou de uma série de atividades que antes exigiam nossa atenção, como operações de cálculo, mensuração e pensamento lógico, percebe-se que a característica da arte, em especial a arte tecnológica, se concentra exatamente na sua volta para o corpo do sujeito (OLIVEIRA, 1997).

De fato, modificações corporais estão cada vez mais presentes nas sociedades contemporâneas. Corpos modelados em academias, tatuados, com *piercings* e próteses diversas – com fins estéticos ou de reabilitação – são cada vez mais comuns no ambiente urbano. Tais modificações, porém, começam a se expandir além do campo da estética e da saúde em direção à busca por segurança. Essas afetações das materialidades dos corpos em resposta à aparentemente crescente violência urbana parecem ocorrer de duas formas: através de modificações corporais que incluem a incorporação de tecnologias de segurança, como *chips* implantados nos corpos, ou através de alterações nos gostos e nos afetos em função dos estímulos urbanos relacionados à violência.

O Corpo na Modernidade

Exemplos que relacionam como as materialidades do corpo se modificam em suas afetações pelos estímulos urbanos foram objeto de estudo de diversos autores na modernidade. Simmel (1979), em seu estudo “A Metrópole e a Vida Mental”, já havia notado como o ritmo de vida nas metrópoles e seu excesso de imagens em mudanças rápidas e descontínuas provoca uma “intensificação dos estímulos nervosos” que leva, entre outras alterações, a uma atitude *blasé*. Walter Benjamin também observou como a arte, em especial o cinema com suas imagens em movimento, provoca alterações nas percepções de forma semelhante aos estímulos do meio urbano: “Nisso se baseia o efeito de choque provocado pelo cinema (...) Ele corresponde a metamorfoses profundas do aparelho perceptivo, como as que experimenta o passante, numa escala individual, quando enfrenta o tráfico (sic)” (1985, p. 192).

Essas afetações dos corpos pela cultura, em especial pelas tecnologias de comunicação, também foram abordadas pelos estudiosos da Escola de Toronto. Eric Havelock (1963) observou a formação de novos processos de subjetivação a partir de uma mudança nos modos de comunicação. Analisando as alterações ocorridas na cultura grega a partir da substituição da tradição oral pela escrita, Havelock percebe como esta nova técnica de comunicação leva a um distanciamento da faculdade de pensar o objeto. Se na transmissão oral, a fixação de informações necessitava de uma forma visceral de inscrição no

corpo, uma mnemotécnica, a lembrança através da escrita permite que o leitor prescindia dessa identificação emocional. Marshal McLuhan (1974) também já havia notado essas afetações do corpo através da interação com as mídias com sua noção de híbridos. Para McLuhan, as extensões de nossos corpos já não podem ser vistas como algo que está “lá fora”, mas como uma hibridação que modifica nossas aptidões cognitivas e perceptivas.

Em uma abordagem mais recente, Pereira e Felinto (2004), apoiados nas teorias de Gumbrecht e Pfeifer, percebem o esboço de um novo modelo teórico que estuda a forma pela qual os fenômenos de sentido podem ser determinados pela materialidade dos meios. Apesar de perceber a ausência de uma metodologia ou instrumento de pesquisa específico para analisar essas mudanças, os autores percebem uma transformação na abordagem das ciências humanas, que começa a se deslocar do campo hermenêutico em direção a uma abordagem mais materialista, configurando um modelo de cultura no qual “o objeto central é o corpo, com todas as inscrições que sofre em suas relações com o poder e os aparatos tecnológicos” (2004, p.7).

Mudanças no corpo

De fato, ao se analisar as práticas de poder sobre os corpos, observa-se uma mudança histórica na forma como esse exerce sua influência sobre os indivíduos. Entendendo o poder como uma forma de antecipação do comportamento do outro, de forma a influenciá-lo, percebe-se que as dinâmicas de relação entre indivíduo e sociedade mudaram através dos tempos. Foucault observa essa mudança através da passagem das sociedades soberanas às sociedades disciplinares. Se nas primeiras o súdito devia sua vida e morte à vontade do soberano, que detinha o poder de “fazer morrer e deixar viver”, com a passagem às sociedades disciplinares e o aparecimento do indivíduo, um novo poder se instala: o de “deixar morrer e fazer viver”. A fim de aumentar a produtividade desse corpo individual e torná-lo economicamente eficaz, surgiram instituições disciplinares que passaram a exercer sua função através da distribuição dos corpos no espaço, mantendo-os sob constante vigilância.

De acordo com Paulo Vaz, essas técnicas disciplinares são uma forma de se produzir culpa. Ao estar sob constante vigilância, o indivíduo passa a se perceber pelo olhar do outro, pelas figuras de autoridade que exercem o poder disciplinador nas instituições: “é preciso que cada um se julgue e deseje se julgar segundo os valores sociais vigentes” (VAZ, 1999, p.106). Com essa nova forma de poder, a norma surge como uma forma de se observar regularidades e evitar desvios, delegando ao indivíduo o poder sobre seu próprio comportamento, a fim de evitar o que é considerado impróprio ou “a-normal”.

A crise nas sociedades disciplinares configurou novas formas de poder que já não agiam sobre o homem como indivíduo, mas como espécie, como “massa”. Natalidade, mortalidade, doenças, longevidade, esse novo mecanismo de poder, o biopoder como enunciado por Foucault (2002), se concentra agora em fixar um equilíbrio, em exercer uma regulamentação nos fenômenos que atingem a espécie humana. Nessas condições, trata-se não apenas de deixar morrer e fazer viver, mas de interferir no “como” viver, através de mecanismos mais sutis, configurando uma Sociedade de Controle.

Novos Corpos, Novos Riscos

A passagem das sociedades disciplinares às sociedades de controle implica uma passagem da norma ao risco e nas formas como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o mundo. Se antes a preocupação se concentrava em evitar desvios no presente, hoje está nas mãos de cada um avaliar os riscos que corre no futuro e procurar evitá-los, através de cuidados com seu corpo e sua saúde.

Csordas (1994) observa como essa transformação nos cuidados com o corpo mudou historicamente da salvação espiritual a uma saúde aumentada e, por fim, a um “eu-produto”. De fato, se as religiões em geral não foram capazes de evitar o sofrimento no mundo, buscaram consolar as pessoas e fornecer um sentido sobre as diferentes formas de sofrimento. Segundo Joseph Amato (1990) um dos principais meios utilizados pela religião para se reavaliar o sofrimento no mundo é através da noção de sacrifício. A idéia central é que nada é de graça e é preciso abrir mão de uma coisa em prol de outra. É essa idéia de sacrifício - de se sofrer no presente para evitar um sofrimento futuro - e a passagem de suas formas simbólicas para a esfera cultural e política que estrutura a lógica de uma cultura de risco. Se antes as estatísticas eram utilizadas pelo Estado como forma de evitar os desvios e garantir o estado do bem-estar social, hoje o indivíduo, de posse dessas estatísticas amplamente veiculadas pela mídia, torna-se responsável por sua própria segurança.

Nesse contexto, o que se percebe é que o corpo que agora emerge é um corpo situado entre a busca do prazer, cada vez mais estimulado pela cultura do consumo, e a avaliação do risco. Os corpos contemporâneos devem ser jovens, saudáveis e explorar ao máximo sua capacidade de experimentar sensações prazerosas. Nessa dinâmica, cada indivíduo funciona em uma lógica hedonista na qual avalia os riscos que está disposto a correr para obter determinados prazeres. Dessa forma, tal como no sacrifício religioso, condicionamos nossos corpos a sacrificar prazeres no presente que possam comprometer seu funcionamento no futuro.

Cultura do Risco

A mídia tem um papel central na divulgação de informações sobre os riscos aos quais estamos expostos. Paulo Vaz, em seu estudo sobre corpo e risco, observa o papel da mídia como legitimadora dos perigos contemporâneos e divulga os resultados de uma pesquisa que mostra que “40% das chamadas de primeira página em jornais americanos dizem respeito à gestão do cotidiano, tendo em vista os hábitos de vida e os riscos que se corre” (VAZ, 1999, p.108). Tais riscos, na sociedade contemporânea, se estendem além das preocupações com a saúde e nosso corpo se vê ameaçado também pelos perigos inerentes à vida no meio urbano. O suposto aumento da criminalidade e dos crimes violentos nas metrópoles é um fator de risco que exige dos cidadãos medidas de segurança adicionais.

Barry Glassner (2003), em seu estudo sobre a cultura do medo, já havia observado o surgimento de um temor exagerado na sociedade americana e elaborou várias hipóteses a fim de entender quais medos eram fundamentados ou não. Glassner observa que esses receios abrangem diversos aspectos da vida

que vão desde medos ilimitados em relação à saúde até o medo contemporâneo da criminalidade. Recorrendo a diversos casos veiculados pela mídia sobre tais temores, o autor os analisa de forma mais detalhada e revela o exagero e, muitas vezes, as distorções causadas por uma veiculação descontextualizada. Em relação à violência urbana, Glassner percebe que, apesar de os índices de criminalidade terem caído por anos seguidos, “62% dos americanos se descrevem como ‘verdadeiramente desesperados’ em relação à criminalidade” (2003, p. 19).

Apesar de não culpabilizar a mídia pelo estabelecimento dessa cultura do medo o autor não deixa de observar sua importância na formação desse sentimento, mas em lugar de associar um suposto aumento da criminalidade às informações sobre violência divulgadas na TV, Glassner observa seus efeitos na audiência, recuperando as idéias de George Gerbner sobre o “mundo vil”: “Veja uma quantidade suficiente de brutalidade na TV e você começará a acreditar que está vivendo em um mundo cruel e sombrio, em que você se sente vulnerável e inseguro” (2003, p. 100).

De fato, parece que a influência da informação sobre violência na TV, em especial nos telejornais, tem antes um caráter mimético do que catártico, conduzindo a uma visão de mundo percebida por Gerbner como “síndrome do mundo vil”. O pesquisador conduziu um estudo de três décadas sobre a violência exibida na televisão e mostra de que forma uma veiculação exagerada produz uma sensação de insegurança e ansiedade crescente em relação ao mundo mostrado na TV. Ressaltando a dimensão mítica adquirida pelas narrativas televisivas, Gerbner acredita que pessoas que assistem muita TV têm maior tendência a ter uma visão distorcida da realidade. “O que isso significa é que se você cresce em um lar onde se assiste mais de três horas diárias de televisão, para todos os efeitos práticos você vive em um mundo vil – e age de acordo – do que seu vizinho que vive no mesmo mundo, mas assiste menos televisão”.⁽¹⁾(1994, p.1).

No caso específico da violência, essas pessoas podem acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar o medo de serem vítimas de crimes violentos. O autor também observa como esse medo de se tornar vítima de um crime pode levar ao desejo por medidas punitivas mais rigorosas, como a pena de morte, a fim de aumentar a segurança.

Sofrimento virtual

Em uma análise do que aconteceu um ano após o atentado de 11 de setembro aos Estados Unidos, Slavoj Žižek (2003) percebe como o medo de vitimização (no caso, por novos ataques terroristas) pode justificar ataques preventivos. Žižek ressalta que a legitimação destes atos é conferida aos que falam da posição de vítima e que são, por isso, inocentes. A fim de legitimar tais ataques é necessário também que se construa a idéia de que o evento pode ser repetido e generalizado. Tal como ocorre com as vítimas da criminalidade, o fato de que o evento poderia ter acontecido a qualquer um que estivesse no local naquele momento, torna possível essa generalização. Pode-se observar também que a forma descontextualizada como são exibidas as narrativas sobre o crime impossibilitam um entendimento das ações do agressor e levam a um afastamento desse “outro”. A identificação, dessa forma, é relacionada somente à vítima e cria, na audiência, a idéia de vitimização.

Coelho (2004), em um estudo que relaciona mídia e violência no Rio de Ja-

neiro, analisa alguns pressupostos teóricos que observam os efeitos dessa violência midiaticizada nos cidadãos. De acordo com Rondelli, os discursos da violência na mídia constroem um imaginário que pode produzir práticas sociais que apresentam uma visão do outro “como símbolo de uma diferença que se quer eliminar em prol de uma visão da ordem” (*apud* COELHO, 2004, p. 79). Sento-Sé, utilizando a idéia das comunidades imaginadas de Benedict Anderson, também aborda a formação desse sentimento de vitimização a partir das narrativas sobre o crime e da identificação com suas vítimas: “No que diz respeito à segurança, isto quer dizer que não é necessário que um dado indivíduo, ou alguém de seu círculo mais próximo, tenha passado por uma situação de vitimização para que se sinta atingido pela violência de que tem notícia” (*apud* COELHO, 2004, p.80).

O imaginário das cidades

É esse sentimento de vitimização que fortalece o imaginário das cidades como locais violentos e legitima a adoção de medidas privadas de segurança e a construção de espaços seguros (*shopping centers*, edifícios comerciais e condomínios vigiados, entre outros) que acabam por segregar o espaço público. Segundo Caldeira, “as narrativas e práticas impõem separações, constroem muros, delinham e encerram espaços, estabelecem distâncias, segregam, diferenciam, impõem proibições, multiplicam regras de exclusão e separação” (2000, p.28).

A segregação espacial e social das metrópoles em decorrência da crise da violência urbana é observada por diversos autores contemporâneos em seus estudos sobre as novas configurações do espaço público (BAUMAN, 2003; CALDEIRA, 2000; CANCLINI, 2003; HARDT, 2000; SOUZA, 2004). Segundo os autores, a origem do crime para o senso comum está frequentemente associada às periferias e os criminosos são vistos como pessoas que vêm desses espaços marginais. Um dos efeitos dessa segregação espacial e social é a formação de estereótipos e preconceitos, não apenas em relação às classes desfavorecidas, mas também a determinadas áreas da cidade, consideradas de risco. Em uma pesquisa sobre a imagem das favelas no Rio de Janeiro, Paulo Vaz (2005) observa como esses lugares são considerados os locais onde o crime supostamente surge. Em seu estudo, Vaz observa que a cobertura efetuada pela mídia elabora conexões entre a violência urbana, a favela e o tráfico de drogas, relacionando-o a “toda sorte de assalto, tiroteio, falsa blitz e assassinato” (2005, p. 99). Essas narrativas sobre o crime, fortalecidas pela presença constante de notícias sobre os conflitos do tráfico nos morros cariocas, levam a novas formas de se deslocar pela cidade. De acordo com Vaz:

temos não só a quem temer, como determinados lugares a recear. Porém, para uma classe média prudente – que, informada sobre os riscos que corre, evitará a proximidade da favela – o morro não aparece apenas como lugar perigoso, mas principalmente, como lugar de onde os crimes provêm. (VAZ, 2005, p.99)

Nesse contexto, levando-se em consideração as representações midiáticas da violência - e os efeitos dessas narrativas na construção da visão de mundo - e as modificações históricas do corpo e suas materialidades - o deslocamento do sofrimento da esfera espiritual para o corpo, o surgimento do risco e do sentimento de vitimização -o que se percebe é que tais discursos podem levar não apenas a

sensações de insegurança, mas a modificações nas próprias materialidades do corpo, que passa a reagir a determinados estímulos com base nesse imaginário.

As materialidades do medo

Como esboçado acima, a experiência de ser vítima de um crime não é fundamental para o surgimento desse temor, que pode se originar a partir das narrativas que falam sobre a violência urbana. No âmbito de uma sociedade que trabalha com a questão do risco, a identificação com as vítimas de um crime é oriunda da idéia de que o evento poderia ter acontecido a qualquer um. O crime nas cidades escolhe suas vítimas de forma aleatória e, na falta de uma contextualização que explique suas dinâmicas, acaba sendo associado ao trânsito por locais específicos e ao contato com grupos marginais, muitas vezes relacionados às classes desfavorecidas.

Reações de medo com base nesse imaginário podem ser observadas por diversos autores em suas pesquisas. Em um medo típico das grandes metrópoles, ironicamente denominado por Newton Cannito de “Dilema do Farol”^{(2)b}, a insegurança no trânsito e o medo de ser vítima de um crime nos sinais leva os motoristas a guiarem com os vidros fechados e a pararem seus carros bem antes dos cruzamentos, a fim de manter distância das crianças pobres que pedem esmola nos sinais. Essa reação típica nas grandes cidades é confirmada pelas pesquisas de Caldeira (2000, p. 320) e Vaz (2005, p. 01).

Além de alterações no comportamento, outras respostas aos estímulos urbanos provocados pela violência começam a ser produzidas, inclusive com modificações corporais, na busca por mais segurança. Uma das formas dessas modificações nas materialidades do corpo diz respeito ao implante de tecnologias de comunicação, a fim de evitar a vitimização pelo crime. O uso de *chips* de identificação^{(3)c} é uma tecnologia comumente aplicada na localização de animais ou de objetos e, recentemente, seu implante em humanos foi liberado para uso médico nos EUA. O medo de se tornar vítima de um seqüestro, porém, levou diversos indivíduos a adotarem a tecnologia para se precaverem dessa modalidade de crime. Em agosto de 2002, em Londres, o desaparecimento de duas meninas que foram encontradas mortas após duas semanas, levou os pais de uma jovem de 11 anos a tomarem a decisão de implantar um *microchip* na menina, a fim de poderem monitorá-la 24 horas por dia. No mesmo mês, três executivos de uma empresa americana anunciavam já estarem “protegidos pelo aparelhinho”^{(4)d}. Deleuze, em sua abordagem sobre as sociedades de controle, já havia antecipado o surgimento desses dispositivos, que chamou de coleira eletrônica, e que poderiam dar, a cada momento, a posição de um indivíduo.

Além dessas intervenções intencionais no corpo geradas pelo imaginário do medo, e à parte qualquer discussão sobre mecanismos de poder ou invasão de privacidade, outras formas de afetação dos corpos podem estar em jogo. Apesar de ainda não existirem pesquisas que comprovem como esse imaginário pode influenciar as materialidades do corpo, já foi amplamente demonstrado que os preconceitos em relação a determinados grupos e os supostos lugares que lhe dão origem é um fato. Com base na formação desses preconceitos e estereótipos é que se pode imaginar a possibilidade do surgimento não apenas de estéticas de depreciação, associando moradias carentes aos locais do crime,

como também reações sensoriais em relação a esses preconceitos. Nesse sentido, a história de uma senhora retratada no livro *Cabeça de porco* demonstra como essa dinâmica pode funcionar. A história se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1993, marcado, entre outros episódios de violência, pelas chacinas da Candelária e de Vigário Geral, amplamente divulgadas pela mídia. A protagonista, senhora de cerca de 60 anos de idade, evitava sair de casa e, em uma de suas poucas saídas, foi a um edifício comercial no Centro da cidade. Sozinha, entrou no elevador e apertou o botão para o 22º andar. Na sobreloja, o elevador pára e entra um rapaz negro, com aparência pobre. A partir daí, o imaginário começou a atuar e a senhora relata os momentos de ‘tortura’ que passou: o ar escasseava nos pulmões, o coração disparou e o chão fugiu-lhe sob os pés. As mãos suaram frio, o peito sufocou e uma corrente gelada atravessou-lhe a espinha, revirando-lhe o estômago e estreitando-lhe a garganta. No 19º andar o rapaz disse ‘Boa Tarde’ e saiu. A senhora custou a certificar-se de que não houvera nada e à noite, após recompor-se do susto, ligou para as amigas: “Você nem imagina, não faz a menor idéia do que me aconteceu hoje: quase, q-u-a-s-e fui assaltada. Minha filha, foi por um triz (...) É horrível, a gente sabe que é, mas não tem idéia de como é mesmo terrível a violência. Só eu sei o que passei. Só mesmo vivendo para saber” (ATHAYDE, 2005, p. 181).

O relato acima, narrado por Luiz Eduardo Soares, mostra como o imaginário do medo calcado na formação de estigmas e preconceitos começa a se manifestar com alterações sensoriais. Ainda que nenhuma violência tenha de fato ocorrido ou sequer se esboçado, as reações sofridas pela senhora foram reais: “A falta de ar, a vertigem, o pânico, a taquicardia: tudo isso aconteceu, provocou sofrimento e poderia deixar seqüelas. (...) Tudo isso é real o bastante para causar sofrimento. Tão real quanto o elevador, dona Nilza, o rapaz e o medo”. (ATHAYDE, 2005, p. 184).

Embora ainda não existam dados concretos que relacionem essas alterações sensoriais com o imaginário do medo da violência, não é difícil perceber que tais dinâmicas podem estar, de fato, ocorrendo. Estudos sobre o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (Tept)⁽⁵⁾ vêm sendo realizados há cerca de dois anos no Rio de Janeiro e mostram como ele está cada vez mais associado à violência urbana e como as narrativas sobre o crime podem alimentar o processo.

Levando-se em consideração os estudos recentes sobre violência urbana (e seus efeitos associados, com o desenvolvimento de estereótipos, preconceitos e sensação de vitimização) e as teorias contemporâneas de *embodiment*, é intrigante imaginar as sensorialidades e afetividades ⁽⁶⁾ que estarão em jogo em uma sociedade cuja lógica de consumo tem produzido cada vez mais exclusões e, em seu rastro, mais pobreza e segregação. Sem qualquer intenção de esboçar uma perspectiva apocalíptica, o que as idéias aqui apresentadas se propõem é a suscitar reflexões sobre os medos contemporâneos no meio urbano e a forma como lidamos com esses temores. Numa sociedade onde as tecnologias de comunicação são cada vez mais presentes e as narrativas midiáticas adquirem grande importância na construção de nossa visão de mundo, torna-se urgente reavaliar as conexões que fazemos a fim de entender o fenômeno da violência urbana, ainda mais quando se percebe que tais temores começam a se deslocar do imaginário e passam a afetar as materialidades de nossos próprios corpos.

Notas

¹ “What this means is that if you are growing up in a home where there is more than say three hours of television per day, for all practical purposes you live in a meaner world - and act accordingly - than your next-door neighbor who lives in the same world but watches less television”.

² Idéia esboçada no documentário *Violência S.A.* Roteiro e direção: Eduardo Benaim, Jorge Saad Jafet, Newton Cannito, 2005.

³ Os *transponders* são dispositivos compostos por um microchip, uma bobina e, em alguns casos, sensores que permitem coletar informações corporais como temperatura ou enviar sinais de localização por GPS (*Global Positioning System*). Seu uso em seres vivos se dá pela introdução do mecanismo em uma cápsula de material biocompatível, com tamanhos que variam de 12 a 28 milímetros. A leitura das informações do dispositivo é feita a partir de um scanner, que ativa sua bobina e permite que o aparelho emita ondas de radiofrequência com as informações gravadas.

⁴ *Seguindo carros e pessoas pela internet*, reportagem publicada em O Estado de S. Paulo, São Paulo, 12 set. 2002.

⁵ Distúrbio psiquiátrico relacionado a eventos catastróficos, como guerras e erupções vulcânicas. A partir de 1994, após a revisão do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, passou a ser considerado também a partir de eventos urbanos.

⁶ Termos utilizados por Vinicius Pereira (2005) para sugerir como o imaginário (Afetividade) pode afetar as materialidades (Sensorialidade) dos corpos. Apesar de a Afetividade poder ser pensada como uma espécie de imaginário, Pereira trabalha em uma perspectiva monista, que coloca juntos “este imaginário com as sensorialidades e materialidades do corpo” (2005, p.14).

Referências

AMATO, Joseph. Sacrifice, All But the Philosophers' Way. In: *Victims and values: a history and a theory of suffering*. New York: Prage, 1990, p. 23-41.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: ed. 34 / Edusp, 2000.

COELHO, Maria Claudia. Rio de Janeiro, Sexta-feira Santa. Notas para uma discussão sobre mídia, violência e alteridade. *Revista Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 12, p. 75-97, jan/abr. 2004.

GERBNER, George. *Reclaiming our cultural mythology*. Spring 1994. Disponível em: <<http://www.context.org/ICLIB/IC38/Gerbner.htm>>. Acesso em: 08 junho 2005.

GLASSNER, Barry. *Cultura do medo*. São Paulo: Francis, 2003.

PEREIRA, Vinicius A. *Reflexões sobre as materialidades dos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias*. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM. Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social – UERJ, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Planejamento e gestão urbanos numa era de medo. *Revista Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 12, p. 55-74, jan/abr. 2004.

VAZ, Paulo; et. al. Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário do crime. *Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos*. São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 95-103, 2005.

_____. Corpo e Risco. *Forum Media. Viseu*. v. 1, n. 1, p. 101-111, 1999.

ZIZEK, Slavoj. Reapropriações: A Lição do Mulá Omar. In: *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 49-75.